

## 1 - LIBERAÇÃO GAY E FEMINISMO LÉSBICO

Hoje em dia muitas lésbicas jovens e homens gays definem-se como ‘*queer*’ sem pensar duas vezes. Mas esse é um termo que se tornou uma descrição moderna para descrever lésbicas e gays apenas na última década, mas muitas lésbicas continuam achando o termo repugnante. Política e teoria *queer* emergiram em um ponto particular na história do desenvolvimento do movimento gay e lésbico. Proponentes podem ver bem a política *queer* como o apogeu desse desenvolvimento. Muitas críticas lésbicas feministas veem a política *queer* como formando um *backlash* contra os interesses das mulheres e lésbicas. Para entender a política *queer* atual, nós precisamos ver como as ideias e práticas desenvolvidas a partir disso, ou a reação a isso, se passou antes. Nesse capítulo 1 olharemos a liberação gay e o feminismo lésbico como um contexto para entender a política *queer*.

As ideias e estratégias da liberação gay saíram da mesma prova que deu nascimento a outros ‘novos’ movimentos sociais do fim dos anos 60 e começo dos anos 70. Esses novos movimentos eram feminismo, liberação jovem, liberação negra, Paris de 1968 e o movimento estudantil. Ideias socialistas e feministas infundiram a liberação gay desde o início. O nascimento da liberação gay é geralmente datado de Junho de 1969, então chamada rebelião de Stonewall na aldeia de Greenwich, quando lésbicas, homens gays e drag queens pela primeira vez revidaram em ferozes batalhas de rua contra a rotina de perseguição de batidas policiais em clubes gays. De fato, é preciso que isso seja entendido como ascendente de um ânimo intensificado gradualmente de frustração e resistência que veio crescendo dentro e fora das primeiras organizações lésbicas e gays dos anos 60. Essas primeiras organizações deram a base que permitiu a liberação gay a desenvolver-se tão rapidamente (D’Emilio 1998, 1ª publicação 1983). Stonewall foi um catalisador e adequado para simbolizar o ânimo dos tempos, mas isso não poderia ter inflamado um movimento político se o terreno não tivesse sido bem preparado.

O que tem sido chamado organizações ‘*homophile*’ (palavra alternativa para homossexuais) foram estabelecidas nos anos 50 e 60 e antecederam a liberação gay. Essas organizações foram caracterizadas pelos historiadores como ‘assimilacionistas’ visando integração para homossexuais e finalizando penalidades legais. O que foi diferente sobre a liberação gay é que a assimilação foi repudiada em favor do ‘sair do armário’, ‘orgulho gay’ e demandando mudanças sociais dramáticas que foi considerado para a liberdade das mulheres, lésbicas e gays. Ativistas gays liberais, abastecidos pela confiança ganhada pelo espírito da época, na qual muitos grupos sociais estavam protestando, teorizando, exigindo mudança radical, afirmando sua homossexualidade e realizando protestos dramáticos e engraçados em lugares públicos.

A liberação gay foi originalmente concebida como Frente de Liberação Gay. A palavra ‘Frente’ sugere as fundações socialistas da liberação gay. A FLG (GLF – Gay Liberation Front) foi modelada nas lutas de liberação conduzidas por pessoas colonizadas em todo o mundo contra o imperialismo, como no Vietnã. Lisa Power, em sua história do FLG em Londres, comenta que ‘o FLG atraiu Londres, entre outros, pessoas com experiência na resistência na guerra do Vietnã, direitos negros, liberação de mulheres, imprensa underground, os *White Panthers* (um grupo de suporte ao *Black Panthers*), o grupo marxista internacional, o baile comunista, uma ampla variedade de outros grupos de esquerda incluindo Maoístas, cultura de drogas, transexuais e garotos de programa (Power 1995: 16).

A análise socialista foi aplicada à situação de lésbicas e homens gays. Havia uma crítica na esquerda nesse tempo que era vista como a ‘distorção geral de toda sexualidade nessa sociedade’ para o propósito de controle social e ‘para vender a superabundância de bens de consumo o sistema econômico quebrou’ (FLG 1971, citado em Power 1995: 53). Teoristas gays liberais comprometidos com uma crítica drástica das forças capitalistas, exemplificada pela indústria sexual gay e proprietários de clubes gays que criaram a exploração do homem gay. Eles argumentam ‘A FLG espera fornecer uma necessidade desesperada de fuga para pessoas que estão cansadas do mundo gay alienado e explorado, sexo dissimulado em lugares públicos, e excursões perigosas para o *Hampstead Heath*. Nós queremos providenciar um cenário melhor para as pessoas gays’ (p. 53). Ativistas gays liberais rejeitaram o modelo médico de homossexualidade removido na lista americana de diagnósticos de doenças mentais, a DSM 3. Eles proclamaram que ‘gay é bom’. Eles acreditavam que opressão homossexual foi o resultado da dominação masculina, e a liberação de mulheres e a liberação gay estavam inevitavelmente conectadas, tal como uma não poderia ser concebida sem a outra.

A opressão homossexual e a opressão da mulher eram ambas vistas como resultado da dominação masculina que era chamada ‘papeis de sexo’. Ativistas políticos da esquerda desse período eram profundos sócio-construcionistas em suas abordagens. Assim, tanto gays liberais quanto feministas viam papeis de sexo, que provavelmente são chamados agora ‘papeis de gênero’, como sendo politicamente construído para assegurar a dominação masculina. Mulheres eram afastadas do papel do sexo feminino da esfera privada, nutrindo e se preocupando com o embelezamento do corpo para ser um objeto sexual apropriado. Lésbicas eram perseguidas porque desafiavam o papel do sexo feminino de passividade sexual e servidão ao homem. Homens gays eram perseguidos porque eles desafiaram o papel do sexo masculino, o qual requer no comportamento masculino, a heterossexualidade e relações sexuais com mulheres.

No contexto da corrente política *queer* que celebrava aqueles que jogavam fora esses papeis na forma de butch/femme, transgênero e sadomasoquismo como a transgressiva vanguarda da revolução, é útil entender totalmente o quanto a liberação gay foi fortemente influenciada pelo feminismo que os rejeitaram. A opressão do homem gay era vista como um reflexo da opressão da mulher, então ‘papeis de sexo’ eram um problema para os homens gays também. Um gay americano liberal expressou isso assim:

*O sexismo também é refletido nos papeis que os homossexuais copiaram da sociedade heterossexual. Os rótulos podem divergir, mas é a mesma situação desigual, desde que os papeis são definidos rigidamente, desde que uma pessoa exerce poder sobre a outra. Para os heterossexuais é macho-fêmea, mestre/senhora. Para os gays é butch/femme, agressivo/passivo. E o extremo, em ambos os casos, é sadista-masoquista. O ser humano torna-se objeto, tratado como propriedade, como se uma pessoa pudesse pertencer à outra.*  
(Diaman 1992: 263)

Um ativista gay liberal britânico escreveu: ‘Nós viemos sendo forçados a jogar com os papeis baseados na sociedade heterossexual, butch e femme, ‘casamentos’ nucleares, permanece entre os relacionamentos a mesma opressão que a sociedade de fora tem com suas mulheres’ (Walter 1980: 59). Outro escrito: ‘Jogar em papeis em uma sociedade que

demanda definições de gênero, papéis sexuais, masculino versus feminino – o que nós podemos fazer, nós que a sociedade recusa e condena como metade-homem? Muitas vezes nós reagimos dramatizando’ (p. 87).

Nos anos da liberação gay, nenhum argumento dizia que assumir um papel era uma ‘autêntica’ e singular experiência lésbica e gay, como aconteceu nos anos 80 e 90 (Davis e Kennedy 1991). Não havia vergonha em aceitar que gays estavam envolvidos em imitar heterossexuais quando embarcavam em um papel. Gays eram entendidos como construídos pelos papéis da sociedade heterossexual também. Carl Wittman da Comunidade Americana de Liberação Gay diz:

*Nós somos crianças da sociedade heterossexual. Nós continuamos pensando heterossexual; isso é parte de nossa opressão. Um dos piores conceitos da heterossexualidade é desigualdade... macho/fêmea, em cima/embaixo, cônjuge/não cônjuge, heterossexual/homossexual, patrão/funcionário, branco/preto e rico/pobre... Por muito tempo nós imitamos esses papéis para nos protegemos – um mecanismo de sobrevivência. Agora estamos nos tornando livres o suficiente para verter os papéis que nós escolhemos das instituições que nos impressionaram. (Wittman 1992 333)*

Um grupo de mulheres que formaram parte da liberação gay nos Estados Unidos, o Baile Gay Revolucionário das Mulheres de Caucus, rejeitaram firmemente a ideia de assumir papéis de sexo para lésbicas, pois isso não traria vantagens para elas.

*Embora nenhuma de nós tenha sido educada na conduta de relações de papéis igualitários, lésbicas podem chegar perto dessa conquista mais que os outros porque nenhum dos papéis de sexo educa todos para receber ajuda para fazer seu relacionamento funcionar. Assumir papéis levam elas a lugar nenhum, porque ‘butch’ não traz nada da recompensa masculina sexual, social ou econômica enquanto a ‘fêmea’ não possui um homem para trazer ao lar o salário do homem ou para proteger ela do ataque de outros homens. (Baile Gay Revolucionário das Mulheres de Caucus 1992: 180).*

Tais sentimentos, daqueles que viram a si mesmos no tempo como a vanguarda da política gay ficaram em forte contraste com a atitude das lésbicas assumindo papéis que desenvolveram depois em algumas áreas da comunidade lésbica. No fim dos anos 80 e 90 escritoras lésbicas como Joan Nestle (1987) construíram consideráveis reputações celebrando e romantizando o assumir de papéis como a mais autêntica forma de lesbianismo. Enquanto que na liberação gay a resposta para os papéis era derrubá-las, nas últimas décadas os papéis foram pegos, polidos e repregados pelo propósito da excitação sexual (Munt 1998; Halberstam 1998a; Newman 1995).

Outra corrente comum entre a liberação gay e a liberação de mulheres nesse tempo foi o desafio do casamento e a família nuclear. O casamento era considerado como sendo um contrato de exploração e dominação masculina, o qual necessitava precisamente de ‘papéis de sexo’ os quais tendiam a ser muito opressivos. Tão fundamental era a oposição ao casamento que foi enfatizada por Jill Tweedie, um influente colunista *Guardian* de opinião,

em um trecho positivo sobre a liberação gay: ‘Lib Gay não pleiteia o direito de homossexuais se casarem. Lib Gay questiona o casamento’ (citado em Power 1995: 64).

Dois aspectos da teorização da liberação gay distinguem ela drasticamente da política *queer*. Um é o entendimento que a opressão do homem gay vem da opressão da mulher. O outro é que muitas formas do comportamento do homem gay, que hoje são louvados pela política *queer*, são resultado da opressão aos gays, e que não podia ter um fim sem ter fim a opressão à mulher. Formas de comportamento que historicamente foi parte do comportamento do homem que fazia sexo com homens como sexo casual e efeminação, foram vistas por ativistas FLG como resultado opressão ao invés de uma forma inevitável e autêntica do comportamento gay. O entusiasmo político original durou apenas alguns anos no Reino Unido e nos Estados Unidos. No Reino Unido alguns homens retornaram a práticas que eles criticaram quando a liberação gay estava em seu apogeu, tal como sexo casual (Shiers 1980). Agora a comunidade gay existe como um mercado, o novo negócio gay se envolveu com a exploração do homem gay do mesmo modo que os heterossexuais e o negócio da máfia fez em tempos passados: o capitalismo gay nasceu. A masculinidade gay tornou-se moderna, enquanto a política de liberação gay afastou-se da masculinidade como o comportamento da dominação masculina (Humphries 1985). A política ativista dos direitos gays igualitários começou a se desenvolver, alguns gays liberais viram como des-radicalização e enfraquecimento do movimento por mudança social radical. Por que, então, o desafio radical da liberação gay não foi mantido?

- **Por que a liberação gay falhou?**

John D’Emilio, no novo prefácio da reedição da coleção americana de escritos FLG, *Fora dos Closets*, argumentou que a liberação gay foi suplantada por um ativismo por direitos gays mais *mainstream* no fim dos anos 70. Esse novo movimento por direitos gays se viu entre outros movimentos de liberação trabalhando por mudança social fundamental. A agenda era mais estreita e comprada pela política liberal de direitos iguais.

*Conforme os anos 70 avançavam, o movimento gay e lésbico começou a viajar por muitos caminhos diferentes. Um deles pode ser rotulado um movimento por direitos gays. Composto na maioria por homens gays, brancos e da classe média, além de algumas lésbicas e pessoas de cor também, essa reforma política orientada focou apenas nas questões gays e abandonaram largamente a análise ampla da opressão que animou a liberação gay. Esses ativistas, muitos dos quais eram muito militantes nas práticas usadas, solicitando entrada no sistema em termos de igualdade. (D’Emilio 1992: p. xxv).*

Particularmente, D’Emilio argumenta, que os ativistas por direitos iguais perderam o entendimento da liberação gay que a opressão dos gays é resultado do sexismo, portanto os homens gays precisavam lutar contra o sexismo ao lado das mulheres. ‘Diferente do homem gay em *Fora dos Closets*, que viu o sexismo como a raiz da opressão do homem gay, agora o sexismo é percebido como sendo sobre ‘eles’ (p. xxvi). Ativistas pelos direitos gays, explica D’Emilio, também perderam o entendimento da liberação gay que a homossexualidade, como a heterossexualidade, era socialmente construída. Identidades gays e lésbicas, ele diz, chegam para serem vistas outra vez, como no período pré-Stonewall,

como ‘identidades fixas, determinadas cedo na vida (se não no nascimento), mas natural, boa, e saudável ao invés de anormal, má ou doentia’ (p. xxvi).

Mas D’Emilio é crítico da amplitude da crítica social engajada dos gays liberais. Ele vê o radicalismo da agenda deles como sendo uma das razões pela falha. Ele tomou os argumentos feitos por libertários sexuais nos anos 80 e 90 que gays liberais, como feministas radicais que eram similarmente atacadas, eram, em suas palavras, ‘eram moralistas e condescendentes’. Em seus ataques aos ‘papeis, sexo anônimo, objetificação e cultura de bar, terminaram construindo uma política sexual prescritiva... Eles oscilaram na borda de começar uma nova esquadra viciosa’ (p. xxvii). É interessante ver o quão perto essas acusações estavam daquele arremesso em feministas radicais no então chamado debates feministas de sexualidade dos anos 80 (Vance 1984). Nesses ‘debates’ feministas radicais críticas da pornografia e da prostituição foram também atacadas por serem de direita e moralistas. Enquanto nas comunidades e políticas gays masculinas não havia debates violentos, e o entendimento da liberação gay simplesmente murchou, entre lésbicas e feministas a batalha para vencer a crítica feminista radical era furiosa (veja a discussão desses ‘debates’ em Jeffreys 1990a).

D’Emilio diz que o problema dos gays liberais era que eles tinham uma ‘ingenuidade sobre as dinâmicas do desejo sexual, uma mudança foi assumida mais fácil do que era’ (D’Emilio 1992: p. xxviii). Ele permanece crítico do liberalismo sexual que substituiu a crítica da liberação gay: ‘Porém, reagindo contra isso, frequentemente era visto como se nós houvéssemos desistido de qualquer possibilidade de pensar criticamente sobre a sexualidade. Nossa política sexual frequentemente se reduz a uma campanha contra proibições’ (p. xxviii). Mas ele parece muito cansado e muito desiludido para tentar manter a crítica da construção da sexualidade que era tão vital nos anos anteriores. ‘Em uma cultura aonde a sexualidade veio para definir a verdade sobre o ser e onde o desejo sexual parece confinante com o que nós somos talvez isso seja muito divisível, muito volátil, para sujeitar algo tão pessoal à pesquisa política’ (p. xxviii). Essa resignação se torna menos fácil para ativistas feministas, desde que a mulher que sofre diretamente com o exercício da sexualidade masculina construída em torno da objetificação e da agressão, na forma de estupro, assassinato, perseguição sexual, pornografia e prostituição. A resignação de D’Emilio é uma luxúria que nós que continuamos procurando um fim para a violência masculina não podemos permitir.

Karla Jay e Allan Young, na nova introdução da coleção *Fora dos Closets*, explicam que abandonaram seus sonhos de revolução por serem simplesmente impraticáveis, porque eles não possuíam apelo popular suficiente.

*Como nossa contrapartida heterossexual na Nova Esquerda nós enfatuamos pelo slogan ‘Revolução em nossa vida’. Mas nós esquecemos o fato que tais objetivos vastos tiveram um significado pequeno para as grandes massas da população americana – ainda mais americanos gays e lésbicas – sobrecarregados como estavam com trabalhos, lares, crianças e outras responsabilidades. Quanto a insistência em vincular o pessoal e o político, isso pode ser muito recompensador, e serve como terapia barata para muitos mas é uma aplicação extrema fazer a vida mais difícil. (Jay e Young 1992: p. xxxvii)*

Eles perguntam ‘Então, qual a liberação gay ‘real’?’ essa é a assimilação das pessoas gays em cada ponto da fábrica de existência da vida americana? Ou esse é o movimento revolucionário total que motivou os escritores de *Fora dos Closets?*’ (p. xliv).

Um desenvolvimento que provavelmente apressou o abandono das impressões feministas por muitos gays ativistas na retirada de lésbicas em grande escala da liberação gay, em ordem para concentrar suas energias no feminismo lésbico. Lésbicas veem sendo sempre uma minoria na liberação gay, e no Reino Unido uma minoria ainda menor. A retirada delas nos Estados Unidos, Reino Unido e Austrália foi ocasionada pelo desenvolvimento da força do feminismo, que levou as lésbicas a concentrarem em seus interesses como mulheres, e serem sensíveis ao sexismo dos colegas homens. Uma questão que foi uma fonte de sério cisma entre homens e mulheres na liberação gay foi a prática sexual. Denise Thompson descreve o desencantamento das lésbicas na Austrália deste modo: ‘O modelo de “liberdade sexual” esposada pela liberação gay foi e permanece sendo intransigentemente masculina – fodendo por foder, estimulação erótica confinada aos genitais e algumas zonas erógenas selecionadas, sexo anônimo nas batidas (baladas públicas), bares, clubes e casas de banho’ (Thompson 1985: 70). Gregg Blatchford da Liberação Gay de Sidney reflete na misoginia casual o que nós chamamos ‘subcultura homossexual’ deste modo:

*Mulheres são frequentemente remetidas aos seus órgãos sexuais; ‘ish’ é um termo comum para uma mulher e ‘cunty’ é usado como um adjetivo referindo a algo que possui as qualidades de uma mulher. O termo depreciativo ‘bruxa cansada’ é usado para descrever uma mulher que aprecia a companhia de homens gays. Além dessas expressões gays masculinas particulares, a maioria se refere às mulheres similarmente ao jeito que o homem heterossexual pode ser visto respondendo a uma mulher: ‘vaca’, ‘mulher velha’, ‘covarde’, ‘azedo’, ‘ordinária’, ‘purificadora’. (Citado em Thompson 1985: 56)*

Homens na liberação gay tiveram que fazer um esforço para superar esse elemento na cultura gay, e nem sempre foi bem sucedido.

A maioria das lésbicas envolvidas na Liberação Gay no Reino Unido saíram *en masse*. Como Nettie Pollard, uma das que ficaram, descreveu: ‘Quatro ou cinco de nós ficaram e o resto, trinta ou mais, saíram’ (Power 1995: 241). Lisa Power ofereceu muitas explicações. Para sua história oral da FLG de Londres ela entrevistou homens e mulheres que se envolveram na liberação gay no começo dos anos 70. Um homem, Tim Clark, explicou que os homens eram unidos por toda a atividade sexual que teve lugar entre eles. ‘E em geral eles eram excluídos do sexo em massa que os homens estavam fazendo, que agiu como uma ligação’ (p. 240). Uma entrevistada lésbica apoiou a ideia que homens e mulheres são divididos pelas determinações dos homens para ver a prática sexual deles como a maior coisa da liberação: ‘O que causou problemas entre homens e mulheres foi que muitos homens queriam conversar sobre *cottaging* [sexo em banheiros públicos] nos encontros’ (Carla Toney, citado em Power 1995: 242).

Outro assunto que enfureceu as lésbicas foi a adoção do drag de alguns homens na liberação gay. O entendimento que papéis de sexo estavam na raiz da opressão de mulheres e gays foi algumas vezes expressada por homens gays de formas que ativistas lésbicas acharam

preocupantes. No Reino Unido, por exemplo, alguns homens gays liberais escolheram vestir túnicas no *underground*, na rua, e na vida cotidiana. Eles escolheram empenhar práticas femininas, incluindo união, encontros duradouros. As lésbicas presentes estavam longe de usar túnicas, e algumas achavam essa imitação dos estereótipos das mulheres ofensiva. Como explica Power: ‘Drag... Cada vez mais aumentavam a raiva de muitas mulheres FLG que não viam isso como homens quebrando suas próprias inibições e machismo, mas como uma ridicularização das mulheres tradicionais’ (p. 242). Um homem ex-FLG deu a Power uma descrição gráfica do que essa ridicularização implicava. De um FLG descrevendo uma drag queen: ‘possui esse vestido branco com duas divisões e nós não temos calças e estamos mostrando isso tudo... As mulheres têm calças’ (Harry Beck, citado em Power 1995: 242). Mary McIntosh, a socióloga lésbica, que também se envolveu na FLG, explicou: ‘Eu me lembro de uma Esfera onde alguns homens estão se vestindo como uma drag radicalmente zombeteira e outros estão fazendo um strip-tease. Nada disso tinha sido pensado’ (Mary McIntosh, citado em Power 1995: 243). A mulher FLG estava sob pressão para aceitar pré-operativos transexuais macho-para-fêmea como mulheres e permitir eles dentro do grupo de mulheres’, porque ‘pode haver dez transexuais e umas vinte mulheres’, e ‘Algumas das mulheres sentiam que essas pessoas possuíam atitudes muito masculinas e eram muito protegidas por mulheres e tentavam roubar a opressão das mulheres enquanto não às davam sua picada poderosa’ (Power 1995: 244). Mas os homens drags consideravam que a masculinidade era o papel de sexo que necessitava mudança, e com essas imitações das roupas das mulheres tradicionais eles estavam ajudando a destruir a masculinidade. Eles fizeram o que hoje seria chamado ‘gênero como performance’ (Butler 1990) de um modo muito direto e politicamente motivado. O que foi ausente na liberação gay foi qualquer ‘performance’ de masculinidade por homens ou mulheres como uma coisa boa. Masculinidade foi entendida geralmente como problemática. Isso mudou no fim dos anos 70 e no começo dos anos 80 quando a masculinidade gay, na forma de sadomasoquismo e outras manifestações, como o grupo Village People, se tornou moderna outra vez.

A lésbica americana Del Martin, quando se despedindo da liberação gay em favor da liberação de mulheres, descreveu a si mesma como ‘grávida com raiva’ como ela amargamente denunciou uma ‘irmandade’ que se preocupava com bares, acampamentos, pornografia, drag e assumir papéis que resultavam em homossexuais se tornando ‘estoque de risadas’ do público’ (citado em Heller 1997: 7). Dois *stalwarts* da FLG do Reino Unido escreveram um panfleto em apoio ao manifesto das mulheres e endereçando à liberação gay masculina. Ele acusou a liberação gay de ter degenerado em um simples ativismo gay no qual ‘homens gays procurando completo compartilhamento dos privilégios masculinos’ lutando por uma igualdade social com homens heterossexuais enquanto a supremacia masculina permanece no lugar. Eles pareciam ter um entendimento muito bom das preocupações das mulheres.

*Aos olhos deles, um homem gay é simplesmente quem gosta de fazer sexo com homens e onde eles estavam com a cabeça era muito visível de uma olhada na literatura deles, cheia de pênis bojudos, motocicletas e músculos, exatamente os símbolos da supremacia masculina e da opressão da mulher, apoiando o sistema de papéis de gênero que é a base da própria opressão deles. (David Fernbach e Aubrey Walters, citado em Power 1995: 24).*

Considerando o culto da masculinidade tão disseminado dentro da cultura gay através de clubes de couro e sadomasoquismo pelos próximos trinta anos, o argumento deles parecia presciente.

- **Feminismo Lésbico**

O Movimento de Liberação das Mulheres teve início no Reino Unido e nos Estados Unidos no fim dos anos 60 que estava cheio de lésbicas (veja *Abbott and Love* 1972). Mas essas lésbicas não eram imediatamente capazes de colocar suas preocupações na agenda do movimento. Betty Friedan, referência famosa para a política lésbica na Organização Nacional da Mulher nos Estados Unidos como a '*lavender herring*' (*Abbott and Love* 1972). O feminismo lésbico surgiu como o resultado de dois desenvolvimentos: lésbicas dentro do WLM começaram a criar uma nova e distinta política de feminismo lésbico, e lésbicas na FLG abandonaram e se uniram a suas irmãs. Desde os anos 50 no Reino Unido e Estados Unidos haviam organizações lésbicas que eram determinadamente separadas de organizações de homens, que identificavam seus próprios objetivos separadamente da dominação dos interesses masculinos e criticaram o sexismo de grupos de homens gays (veja D'Emilio 1998). Uma dessas primeiras organizadoras, como Phyllis Martin e Del Lyon do *Filhas de Bilitis* nos Estados Unidos se tornaram ativistas influentes e teóricas no novo movimento.

O feminismo lésbico começou no entendimento que interesses de lésbicas e de homens gays são em diversos aspectos muito diferentes, porque lésbicas são membros da classe política das mulheres. Então, a liberação de mulheres requer a destruição do poder dos homens sob as mulheres. Não é possível descrever aqui a política e prática do feminismo lésbico em cada detalhe. Eu não poderia fazer justiça a todos os grupos, ativistas e ideias. É importante, entretanto, descrever os princípios que inspiraram o feminismo lésbico no começo, e o que distinguiu isso das formas de política subsequentes que as lésbicas adotaram, particularmente na política *queer*. Os princípios do feminismo lésbico, os quais distinguem ele muito claramente da política *queer* de hoje, são o amor entre mulheres; organização separatista, comunidade e ideias; a ideia do lesbianismo é sobre escolha e resistência; a ideia que o pessoal é político; a rejeição da hierarquia na forma de assumir papéis e sadomasoquismo; uma crítica da sexualidade da supremacia masculina que erotiza a desigualdade.

- **Amor entre mulheres**

A base do feminismo lésbico, como o feminismo radical desse período, era o amor entre mulheres. Lésbicas feministas entendiam o amor entre mulheres como fundamental para o feminismo. Como Charlotte Bunch expressou em 1972: 'Nós dizemos que uma lésbica é uma mulher cujo senso do ser e energias, incluindo energias sexuais, centram em torno de mulheres – ela é identificada como mulher. A mulher identificada mulher entrega-se a outra mulher por apoio político, emocional, psíquico e econômico. Mulheres são importantes para ela. Ela é importante para ela mesma (Bunch 2000: 332). Como filósofas feministas pontuaram, a supremacia filosófica e cultural masculina é hostil ao amor entre mulheres e amizade entre mulheres. Janice Raymond explica, 'Em uma sociedade que odeia mulheres virou tabu na medida em que há mulheres que odeiam a si mesmas' (Raymond 1986: 6). A criação do amor entre mulheres foi uma tarefa necessária para a própria sobrevivência do feminismo. Se as mulheres não amarem a si mesmas e a outras mulheres, então elas não terão base na qual se identificar e rejeitar atrocidades contra mulheres. Para um movimento



feminista a solidariedade do oprimido foi uma base necessária para a organização. Mas o amor entre mulheres foi sempre visto como constituinte de nada mais que uma versão de mulheres da camaradagem.

Raymond inventou o termo ‘Gyn/afeição’ para descrever o amor entre mulheres que é a fundação do feminismo. Gyn/afeição ‘conota a paixão que mulheres têm por mulheres, ou seja, a experiência de profunda atração pelo profundo e vital Ser e o movimento para outra mulher vital’ (p. 7). A política feminista precisava ser ‘baseada na amizade... Assim, o significado básico de Gyn/afeição é que o afeto de mulheres move, agita e desperta a outra para o poder completo’ (p. 9). Para muitas feministas a conclusão óbvia do amor entre mulheres era o lesbianismo (Radicalésbicas 1999). Raymond explica que embora seu conceito de Gyn/afeição seja não se limite ao lesbianismo, ela não entende porque alguma mulher que ama mulheres pararia o lesbianismo.

*Se a Gyn/afeição abraça a totalidade da existência de uma mulher por seu Ser e por outras mulheres, se a Gyn/afeição significa colocar um Ser vital e outras mulheres primeiro, e se a Gyn/afeição é um movimento para outras mulheres, então muitas mulheres podem esperar que mulheres que são Gyn/afetuosa ou Gyn/afetiva sejam lésbicas... Eu não entendo porque Gyn/afeição não se traduz em amor Lésbico para muitas mulheres. (Raymond 1986: 14).*

A ligação de mulheres que são amantes de mulheres ou Gyn/afeição é muito diferente da ligação masculina. A ligação masculina tem sido a cola da dominação masculina. Isso tem sido baseado no reconhecimento da diferença que os homens veem entre eles e as mulheres, e essa é uma forma de comportamento, masculinidade, que cria e mantém o poder masculino.

Mary Daly caracterizou a ligação entre a mulher que ama mulheres como ‘ligação (viver amando) biofílica’, para distinguir isso de outras formas de ligações na ‘sadosociedade’ de dominação masculina. Ela enfatiza a diferença: ‘ligação, como é aplicada às Bruxas/Harpas/Furiosas/Velhas é completamente Outra da “ligação masculina” assim como as Bruxas são as Outras em relação ao patriarcado. A camaradagem/ligação masculina depende da energia drenada das mulheres’ (Daly 1979: 319). Marilyn Frye, a lésbica filósofa americana, em seu ensaio sobre as diferenças entre políticas de homens gays e de lésbicas vê a homossexualidade masculina como o apogeu da ligação masculina que forma o cimento da supremacia masculina. A ligação de lésbicas feministas, entretanto, é herética: ‘Se amar homens é a lei da cultura falocrática, como eu penso que é, e se, por isso, o erotismo masculino homossexual é compulsório, então homens gays deveriam ser numerados entre os fieis ou os cidadãos fieis e cumpridores das leis, e feministas lésbicas são pecadoras e criminosas ou, se percebidas politicamente, revoltadas e traidoras’ (Frye 1983: 135-6).

A mulher que ama mulheres não sobrevive bem na política *queer* de dominação masculina. Em um movimento misto os recursos, influência e um completo número de homens dá a eles o poder para criar normais culturais. Como resultado, algumas lésbicas se tornam tão desencantadas com seu lesbianismo, e até com sua feminilidade, que havia presentemente centenas, se não milhares, de lésbicas no Reino Unido e nos Estados Unidos que haviam

‘transitado’ – adotado a identidade não apenas de homens, mas de homens gays com a ajuda da testosterona e operações mutiladoras (Devor 1999).